



As guernicas de Gernika

Bombardeada há 70 anos, a cidade símbolo dos bascos tem o passado bem presente. Mas não vive de memórias. Tem mais com que se preocupar

POR MIGUEL CARVALHO TEXTO, E LUCÍLIA MONTEIRO FOTOS, EM GUERNICA (PAÍS BASCO)

A 26 de Abril de 1937, Pedro Baliño entrou no resto da sua vida com uma camisa, umas calças e uns sapatos. Ao sábado, «limpava a camisa e as calças para voltar a vesti-las domingo de manhã, na missa». A comida escasseava. A sede, «matava-a, bebendo água da ria de Bilbao», para onde a família fugiu quando Guernica «ardia pelos quatro costados».

Durante seis meses, a mesma roupa. Os pesadelos. O pânico sempre que um avião rasgava os céus. Agora, aos 86 anos, as mãos tremem. «Se estivermos sempre a recordar, deixamos de viver.» Por baixo da txapela, a boina basca, os olhos deixam de sorrir, por

momentos. Perdem-se no nada. A voz arrasta-se. «Aquele dia levou-me os sonhos, mudou-me a vida.»

Os mortos e os vivos

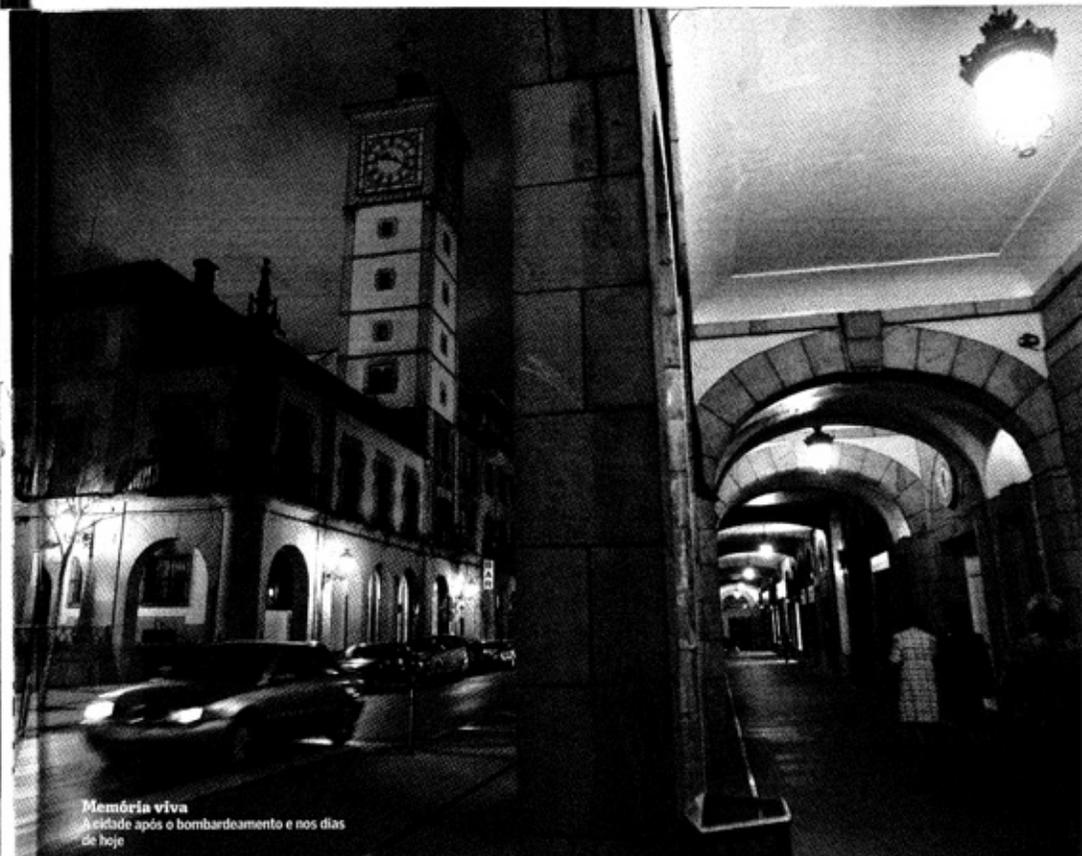
Há 70 anos, a Legião Condor de Hitler e a Aviazione Legionaria de Mussolini esconderam a movimentada segunda-feira de mercado, em Guernica, para uma operação três-em-um: ajudar os fascistas de Franco a mudar o curso da Guerra Civil de Espanha, ferir de morte a resistência basca e ensaiar o primeiro ataque aéreo em massa contra uma população civil indefesa. Missão cumprida.

Uma cidade de 6 mil habitantes foi bombardeada e arrasada, durante mais de três

horas. De pé, pouco sobrou. Crianças, mulheres e homens foram metralhados em fuga. George Steer, repórter a quem se deve a decisiva denúncia internacional do ataque, no britânico *Times*, relatou a cidade «reduzida a cinzas». Christopher Holme, da Reuters, viu, nas ruas, «um punhado de sombrios seres-procurando com as unhas «fragmentos do seu mundo destruído».

Franco encenou outra história, durante quase 40 anos. «Acusou os rojos e nacionalistas bascos de incendiarem a cidade. Mas os militares a quem a minha irmã servia a comida diziam o contrário», conta Josefina Odrizola, 84 anos, sobrevivente.

O número de mortos é ainda objecto de



Memória viva
A cidade após o bombardeamento e nos dias de hoje

debate vivo. A destruição do arquivo da cidade e a limpeza de provas efectuada pelo franquismo dão azo a lotarias: menos de cem, mais de 1 300? No mínimo, 200 pessoas morreram, é certo. «Anedótico se comparado com o Iraque. Hoje, a violência institucionalizou-se. Mas, no contexto histórico, foi um acto bárbaro», explica a catedrática de História Contemporânea, María Jesus Mesa, autora de uma investigação sobre a memória colectiva do bombardeamento.

A Casa das Juntas e a antiga árvore de Guernica, símbolos das liberdades e da ancestral democracia basca, sobreviveram. E a ponte de Rentería, dita objectivo militar, continuou intacta. É preciso atravessá-

la, de resto, para chegar ao colégio católico de La Merced. «Espera!», pede Alberto Iturrarte, pondo a mão sobre o nosso bloco-notas. «Católico, mas não como no tempo de Salazar, entendes? Aqui temos mentes abertas», esclarece o professor, de 47 anos.

Em La Merced, não se olha à conta corrente dos pais. Crianças e adolescentes de várias nacionalidades e classes sociais aprendem o respeito, a tolerância, a generosidade. Discutem-se os dilemas morais da paz e da guerra. Explica-se a *Guernica*, de Picasso, com professores no lugar das figuras do quadro. «A memória não se pode perder, nunca se sabe quando acontecerá de novo. Somos pacifistas, mas não somos ingénuos»,

diz Alberto. «Aqui formamos seres humanos. Educar não é, apenas, ensinar matemática.»

Rostos de Guernica

Por muitos tida como a mais importante obra de arte do século passado, a tela de Picasso é quase da família, em Guernica. Há cópias para todos os gostos e formatos nos restaurantes, cafés, escolas e lojas.

Mas a indignação disparou pelo facto de o Museu Rainha Sofia, em Madrid, não autorizar a ida da tela para Guernica, temporariamente. «São razões políticas. O quadro já viajou 32 vezes. A obra pertence, antes de mais, às vítimas do ataque», acusa Miguel Ibarra, 56 anos, o autarca da cidade que apenas tem autorização para expor trinta esboços do pintor. «Importante é haver Guernicas em todas as casas, é mais simbólico», crê Matxalen Arruti, 63 anos. Melhor ainda: «Este quadro pertence à condição humana. A questão não é onde devia estar, mas sim porque é que devia estar neste ou



«A MEMÓRIA NÃO SE PODE PERDER, NUNCA SE SABE QUANDO ACONTECERÁ DE NOVO. E EDUCAR NÃO É, APENAS, ENSINAR MATEMÁTICA.»



Sobrevivente Junto ao mural que reproduz o quadro de Picasso, Pedro Baliño, 86 anos, recorda o dia que lhe mudou a vida



Cultura, paz... e morte

As comemorações dos 70 anos do bombardeamento de Guernica ficaram manchadas, nos últimos dias, pelo assassinio, às mãos da máfia japonesa, de Icho Ito, de 61 anos, autarca de Nagasáqui. Ele era um dos muitos convidados dos eventos marcados para os próximos dias, recheados de conferências, debates, workshops, cinema, exposições, concertos e teatro. Várias personalidades internacionais, entre as quais autarcas de cidades vítimas de guerras, estarão presentes em Guernica.

► naquele lugar», refere Maria Oianguren, 40 anos, directora do Centro de Investigação para a Paz Guernika Gogoratuz (Recordando Guernica).

Aqui, pronuncia-se Guernika por oposição ao castelhano Guernica, imposto por Franco. A terra é tranquila, bonita, encaixada entre montes verdejantes, monumentos, vias sacras. A reserva da biosfera de Urdaibai está a dois passos. Só os resquícios de uma indústria outrora pujante, das armas aos sapatos, mancham o retrato. «Mas vive-se bem», resume Miguel Ibarra, eleito pelos nacionalistas do PNV. Ao final da tarde, mesmo com os afazeres do 70.º aniversário do bombardeamento, ele ainda tem tempo de passear e brincar com um dos netos. «Há seis anos que a natalidade em Guernica sobe», diz.

À LUZ DA LINHA OFICIAL DO FRANQUISMO, O BOMBARDEAMENTO NÃO EXISTIU

Nota-se. A cidade, de 16 mil habitantes, parece tomada de assalto por carrinhos de bebés de casais trintões e quarentões. Os avós também vão. E o número de imigrantes disparou: «Seríamos uns 1 800 há dois anos, agora somos mais. Tratam-nos bem», reconhece Tariq, paquistanês de 35 anos, dono de um centro de Internet e locutório, espécie

de ONU kitsch de Guernica, onde relógios baratos de parede marcam as horas em vários pontos do planeta.

Na praça San Juan Ibarra, o pôr do Sol anuncia-se entre berraria, peladinhos de futebol, conversas de papás e mães. Telmo, de 7 anos, veste a camisola do guarda-redes Aranzubia, do Atlético de Bilbao. O amigo Lander não sabe o que é isso de terem atacado Guernica. «Atiraram bombas, mataram pessoas. Foi a guerra», explica Telmo ao compincha, em basco, logo traduzido.

Em pleno franquismo, só se comentava o assunto ao sério, a medo. O euskera, idioma basco, estava proibido. «Aprendi castelhano sem entender nada. Como quem decora uma oração», conta Dina, 76 anos, após falhar a conversão do repórter às Testemunhas de Jeová, não obstante a tentadora página 73 da *Sentinelas*: «Gostaria de viver num tempo em que não haverá mais ódio, diferenças, doenças, nem mesmo a morte?»

O povo de Guernica já tinha vivido o que mais próximo havia de paraíso na terra. Mas foi dos céus que desceu a sua noite mais longa. À luz da linha oficial do franquismo, o bombardeamento não existiu. Falar disso era arriscar fuzilamento. «Os alemães pediram perdão, mas nenhum governo espanhol o fez», lamenta Pedro Baliño. «Turistas italianos não sabem que o seu país participou», conta Ainara, de

24 anos, guia do Museu da Paz de Guernica. Uma visita ao espaço é elucidativa quanto a factos. Mas ela própria não faz milagres em casa. «A minha irmã nem sabe o dia em que aconteceu...»

Ali perto, vive um figurante daquele tempo, Manuel Santana, 55 anos, laminador, casado com a portuguesa Olema Fernandes, 46 anos. Conheceram-se em Valladolid. Ele entrou uns minutos num filme sobre o bombardeamento, guarda a foto de grupo das filmagens. Na memória, apenas isso: «Não me lembro do nome da película. Já nem sei se me matavam a mulher ou a filha. O meu papel era fugir das bombas», eis o que recorda.

Reconstruir, vivendo

A memória é exercício difícil para os mais velhos. E enfado dos novos. O sobrevivente Luís Iriando, 86 anos, pintor de um famoso *Cristo de Guernika*, autor de um guião para ópera e cicerone de jornalistas pelos refúgios da antiga cidade, já não se ilude. «Falei nas escolas e ensinei crianças a pintar, ouviram-me com interesse. Lá em casa, aborrecem-se», diz.

Aroa, estudante, não se espanta. Enquanto serve cervejas, colas e vinho, na cervejaria San Juan, esta jovem de 20 anos, apaixonada por História Antiga, teme o esquecimento. «As pessoas da minha idade só pensam em festas.» Javier Ortúzar, dono do estabelecimento, preza as virtudes da memória. «Mas ►

light

BRUXELAS E MAIS DE
50 DESTINOS NA EUROPA.

BRUXELAS
DESDE
€49,99

SÓ IDA, TODAS
AS TAXAS INCLUIDAS

brussels airlines
flying your way



Orgulho basco Guernica vive uma espécie de explosão de natalidade. Hoje, as crianças correm e brincam nos locais onde os seus antepassados sofreram

► temos de passar adiante, gastar dinheiro em apoios sociais, emprego, desporto», diz ele, presidente da equipa de futsal de Guernica.

A passagem de testemunho tem os seus engulhos. E ainda se lida com um passado em águas turvas. Matxalen Arruti indignou-se quando, num debate organizado pela associação recreativa Bake-Leku (Sítio de Paz), se insinuou que os aldeões tinham descido aos escombros para saquear e pilhar. «Não foi só gente da aldeia. Muitos tinham em casa coisas que não eram suas e nem viviam nos montes», desabafou, em plena sessão.

A RECONSTRUÇÃO DA CIDADE TEM O DEDO DO PORTUGUÊS MANUEL LOURENÇO, ANTIGO PRISIONEIRO

Este não é, porém, um caminho sem pedras. «Nos anos 90, ainda havia a cultura do silêncio e uma certa discrição, típica do carácter dos bascos. Falar foi uma peça importante no caminho da paz e da reconciliação», conta a professora Maria Jesus Mesa.

Essas são também tarefas diárias de Maria Oianguren, no Centro Gernika Gogoratz, onde a memória não é museu, nem a paz vis-

ta como «coisa de flores e pombas». Há 20 anos, quando a ONG foi fundada, «palavras como diálogo, consenso, mesa de negociação, não estavam no vocabulário dos bascos» Guernica, «cidade da paz», tem acrescidas responsabilidades além-fronteiras. E entre portas. «É preciso distinguir conflito de violência. Se souber dar nome aos sentimentos e emoções, posso decidir que fazer com a agressividade e não a usar de forma violenta. No contexto basco, é decisivo».

A reconstrução física da cidade, essa, foi tão dura como fácil: Franco deu-se ao refinamento de utilizar presos políticos na tarefa, anos a fio. Vários sobreviventes lembram um deles, português, Manuel Lourenço, antigo dono do Café Brasil, forrado a fotos de Pelé nos anos 50 e ainda hoje propriedade da família. «Manolo», como lhe chamavam, nasceu no Norte de Portugal e terá ido para o Brasil rapazito, sozinho. As razões pelas quais o fizeram prisioneiro são desconhecidas, apesar de, segundo familiares, ele ser dado a «aventuras e inquietações. Falava inglês, italiano e castelhano», conta Rosa, nora do falecido. Manuel casou com uma aldeã de Guernica, teve três filhos e aqui morreu. A reconstrução após o

ataque tem o seu dedo, vários o atestam. Mas a cidade nunca mais foi a mesma.

Pedro Baliño não se revê numa Guernica «triste e melancólica». A sua era a de um povo alegre, «que saía da fábrica, ia a casa arranjar-se e saía em grupo, de bar em bar». A Guernica dos salões, espectáculos e cafés, das tertúlias da confeitaria de Juanita, em que aparecia o filósofo Miguel de Unamuno.

A terra tinha *pedigree*, mas também abundavam lojas com «tudo a 95 céntimos», não os de hoje, claro. Havia sapatarias com fotos de artistas de cinema, casas onde se reuniam guitarristas, cantores. Um trabalhador fabril ganhava mal, mas os bares e tabernas sempre estiveram em alta. Não seria a aldeia perfeita, mas nem o início da guerra civil, em 1936, lhe minou virtudes: refugiados de várias proveniências, direitistas, comunistas, sacerdotes, a todos Guernica abrigou, em razoável harmonia.

Nada seria igual. A 26 de Abril de 1937, o Teatro Liceo de Guernica anunciava o filme *Ignominia*. Setenta anos depois, a única sala de cinema tem em cartaz um filme de Will Smith. Título? *Em Busca da Felicidade*. ▣

 www.visao.pt Fotorreportagem, vídeos, todo o programa de comemorações e um guia para visitar Guernica.